



ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: ELABORAÇÕES DE IDENTIFICAÇÕES E DIFERENÇAS CULTURAIS DOS MIGRANTES QUIXADANESES SOBRE SÃO PAULO DE FINS DO SÉCULO XX.

BETWEEN MEMORY AND HISTORY: IDENTIFICATION AND DEVELOPMENT OF CULTURAL DIFFERENCES ON MIGRANTS QUIXADANESES SAO PAULO LATE TWENTIETH CENTURY.

Vilarin Barbosa Barros¹

RESUMO: Visamos através das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo compreender os possíveis significados de identificações e diferenças que nos são apresentadas por depoimentos orais. De fato, lidamos com sujeitos que relembram diretamente de sua terra natal, Quixadá-Ce, um tempo de migração, e São Paulo do final do século XX. Perante esse cenário de recordações, quais mundos e tempos podem se revelar e desvelar? Usamos para fazer nosso trabalho, a História Oral enquanto metodologia, porém, o que essa operação histórica pode revelar de desconhecido de um evento comumente percebido? Acreditamos que trazer à tona histórias de vidas, histórias sentidas por esses migrantes quixadaenses, principalmente com o advento da História Cultural, contribuirá para entendermos sentimentos, valores e momentos ainda encobertos em nossa contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identificação Cultural; História Oral; migração.

ABSTRACT: We aim through the representations of the lives of migrants quixadaenses on St. Paul understand the possible meanings of identifications and differences that are presented by oral testimony. In fact, we deal with subjects directly reminiscent of his native Quixadá-Ce, a migration time, and Sao Paulo of the late twentieth century. Against this backdrop of memories, worlds and times which can unfold and reveal? We used to do our work, oral history as methodology, however, the historic operation that may be of unknown event of a commonly perceived? We believe that bringing to light stories of lives, histories experienced by these migrants quixadaenses, especially with the advent of Cultural History, will help to understand feelings, values and moments still concealed in the present.

KEYWORDS: Cultural Identity, Oral History, Migration.

INTRODUÇÃO

¹ Mestrando em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará; Bolsista FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: vilarinbarros@yahoo.com.br



Desde o início de nosso trabalho² tentamos compreender como se deu o processo migratório de homens e mulheres do sertão central cearense às grandes metrópoles brasileiras.³ Hoje, especificamente, atentamos para as recordações de sujeitos nascidos em Quixadá-Ce que partiram rumo a São Paulo, passaram certo tempo por lá, e voltaram para sua terra natal entre os anos de 1980-2000.

Temos como objeto de estudo as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. O recorte temporal que analisamos situa-se entre 1980-2000, tempo que envolve a migração desses quixadaenses para São Paulo. Dessa forma, o lugar de onde eles falam, o destino e período da migração são os laços que unem e distinguem os nossos entrevistados.

Utilizamos para este momento a história oral enquanto metodologia e ao comparar e justapor falas, visamos representar e compreender a realidade através de um “mosaico”⁴ que se tece aos retalhos.

Mas, o que nos chega aos “retalhos”? Como nossos entrevistados contam suas experiências de vida?

Estranhamento cultural

Vejamos como, por exemplo, o Sr. Gilberto Nunes representa seus primeiros meses em São Paulo; mas, sobre isso, deixemos que ele mesmo possa nos falar:

² Este texto, aqui reestruturado, foi esboçado inicialmente na época da Graduação do autor. Naquele contexto foi intitulado: “Relatos de memória: o cotidiano do migrante quixadaense em São Paulo”. Tentamos neste artigo manter um pouco das reflexões que iniciamos na graduação, mas atualizamos e maturamos algumas questões ao nos fazermos presentes nos debates propiciados pelo Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará.

³ Esse trabalho é fruto de uma pesquisa financiada pela IC&T/ FUNCAP no projeto Emigrantes e Imigrantes- Trânsito de culturas entre o sertão central cearense e as grandes metrópoles brasileiras, no qual, participei como bolsista. Essa pesquisa foi realizada no período de 01/03/2005 a 28/02/2006 e orientada pelo Prof. Dr. Alexandre de Almeida Barbalho.

⁴ No tocante a questão da utilização da História Oral enquanto metodologia e a representação da realidade através de um “mosaico”, cf. Alessandro Portelli (1997, p.16).



Rapaz, em 87... nós ainda era bem acanhado quando a gente chegou lá [em São Paulo]... Nós num se sentia á vontade. Com o tempo é que a gente vai se acostumando e ganhando mais intimidade com eles, no trabalho, com os paulistas... pra mim foi bom, a gente chegou lá meio assombrado mas depois vai pegando o clima, se acostumando.⁵

É dessa forma que nosso colaborador conta suas primeiras impressões de São Paulo, relatando, inclusive, certo estranhamento, mas, só o tempo lhe propiciou um adaptar-se, pois segundo ele mesmo nos falou: “a gente vai se acostumando”.

“O tempo, aqui, não é tomado como algo natural e evidente, mas como construção cultural” (JAMIN, 2006, p. 9), que possivelmente o Sr. Gilberto Nunes sentiu, construiu e viveu numa grande metrópole no fim do século XX.

Nossos entrevistados, além de falarem sobre suas primeiras impressões e um acostumar-se, recordam momentos de lazer e amizades que estabeleceram em uma cidade grande. Vejamos o que nos diz o Sr. Nazareno Firmino:

É final de semana reunia família. Num final de semana numa casa do outro... [para] fazer um churrasco. Todo final de semana tinha!... lá é tradicional. A família era bem cinco, irmão, cunhado, aí juntava a família deles, família do outro, dia de domingo. Aí passava o domingo lá e já combinava pra sua casa, entendeu? Então assim ia... aí ia levando a vida.”⁶

Apesar de a cidade grande passar por uma considerável fragilização das “velhas texturas sociais” (HOBSBAWM, 1995, p. 328-329), como relações de vizinhanças e laços de família, isso, entre os anos de 1980-2000, conforme salienta Hobsbawm (1995), as recordações dos migrantes trazem à tona nomes de sujeitos e práticas cotidianas que podem nos mostrar outras realidades. O Sr. Nazareno Firmino, além de mencionar familiares se reunindo recorda que essa prática era “tradicional” em São Paulo.

⁵ Sr. Gilberto Nunes. Depoimento concedido na sua casa, Quixadá-Ce, em setembro de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁶ Sr. Nazareno Firmino. Depoimento concedido na casa de seu irmão, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em outubro de 2006.



Relatos de memórias que trazem essa especificidade de relações estabelecidas fora da terra natal são corriqueiras nas entrevistas. D. Alderiza Silva,⁷ por exemplo, fala das facilidades que encontrou ao viver “noutro lugar”, mas, destaca: “certo [que] quando fui eu já tive uma benção que foi morar” na casa de um conterrâneo dela, pois, conforme ela ainda acrescenta: “ali já num tinha uma preocupação de aluguel, já tinha eles que dava apoio à gente e ajudava”

Construção de diferenças

Algo muito recorrido nas recordações dos colaboradores é falar de São Paulo sempre comparando, implícito ou explicitamente, com a sua terra natal. Dessa forma, entendemos que as representações dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo são construídas entre identificações e diferenças.

Assim, no que diz respeito à questão identitária, Lopes (2006, p. 257) especifica que é preciso que entendamos “identidade como construção contrastiva: ela se dá na medida em que eu me diferencio e reconheço minha diferença em relação ao outro e aos vários outros que, ao mesmo tempo, me dizem quem sou eu” e, por sua vez, acaba fornecendo parâmetros para sentidos de pertencimento. No contexto dessa idéia é que entendemos quando Sr. Cláudio Laurentino nos diz:

Eu me senti aquele matuto, aquele arraizado [arraigado]. Mas mesmo assim, você tem que conhecer as coisas para depois você ir comentar: você ver as diferenças, onde é o melhor. Às vezes você está num lugar pequeno, que nem hoje eu estou aqui [em Juatama, Quixadá- CE] e talvez esteja muito melhor do que se estivesse em São Paulo. Entendeu? Por quê? Porque é tranqüilidade eu estou na família, eu estou em casa, aquela terra que a gente pisa é nossa, eu num estou pisando em terreno alei [alheio]. Que a cidade grande é diferente...⁸

⁷ D.Alderiza Silva. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em junho de 2005.

⁸ Sr. Cláudio Laurentino. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em setembro de 2006.



Assim, como entender os significados das representações? O que, por exemplo, os entrevistados nos dizem sobre suas primeiras impressões de São Paulo?

O cabra acha que é outro mundo... Totalmente diferente! Às vezes é até pior do que aqui. Primeiros anos eu fiquei muito preso, quando eu cheguei [em São Paulo]. Um ano depois aí você vai se acostumando [e] vem perdendo o medo. Porque você tem medo numa cidade, você tem medo. O medo a gente tem porque num tinha dinheiro, eu não conheço ninguém, mil pessoas passa batendo em você, mas, não fala com você, nem conhece. É aquela rotina, é a solidão, né? Primeiro é a solidão que você sente falta da família e longe de casa.⁹

As palavras do Sr. Nazareno Firmino, nos faz lembrar Bresciani (2001, p. 237) quando ela salienta que “as cidades são antes de tudo uma experiência visual” que comporta entre outras coisas, “o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço” (Idem). Aspectos de agitações citadinas bem formadas, e já percebidas, são constados por literatos e pelo próprio flâneur que olhando com assombro as multidões, mas as de Londres e Paris no século XIX, tempo bem mais remoto do que o vivido pelos quixadaenses em São Paulo, trazem feições de uma cidade que causa medo, imagens do caos, onde os espaços urbanos são ocupados por “figuras fugidias, indecifráveis para além de sua forma exterior” (BRESCIANI, 1994, p. 10), e que só se “deixam surpreender por um momento no cruzar de olhares” (BRESCIANI, 1994, p. 10-11) e dificilmente voltariam a se encontrar.

Esses fatores bem característicos das “cidades modernas”¹⁰ possivelmente foram percebidos e sentidos pelo Sr. Nazareno Firmino quando ele se refere à cidade de São Paulo em fins do séculos XX; quando ele salienta que ela causou medo em sua pessoa.

Ainda quando pensamos, por exemplo, no que o Sr. Nazareno Firmino nos disse sobre a multidão que se deparou, seus medos e a solidão que sentiu em São Paulo, é interessante lembrarmos que na cidade natal do entrevistado na segunda metade da década de 1990, tinha uma população composta de 64.442 habitantes, segundo o IBGE de 1996, enquanto a cidade de São Paulo, comportava uma população na casa das dezenas de milhões. Dessa forma, isso

⁹ Sr. Nazareno Firmino, 2006.

¹⁰ Sobre isso cf. BARROS, 2007.



nos parece significativo para compreender tamanho estranhamento do Sr. Nazareno Firmino diante daquela multidão. Inclusive, esse estranhamento diante da multidão em São Paulo, também foi comentado pelos outros entrevistados que viveram um pouco da década de 1980, na cidade paulista.

Segundo Hobsbawm (1995, p. 288): “de fato, de longe as mais gigantescas aglomerações urbanas no fim da década de 1980 eram encontrados no terceiro mundo: Cairo, Cidade do México, São Paulo e Xangai, cujas populações se contavam na casa das dezenas de milhões”.

Em meio as grandes aglomerações populacionais da cidade de São Paulo, os migrantes quixadaenses se depararam com outras realidades, uma cidade moderna que impressiona seus contemporâneos com um fluxo infindável de pessoas, “pessoas que caminham pelas ruas face a face, lado a lado, anonimamente, confundindo-se com a multiplicidade de objetos” (BRESCIANNI, 2001, p. 237), diante de paisagens manufaturadas, de uma cidade verticalizada antes nunca vivida por esses indivíduos.

Além de salientarmos sobre esse espaço sócio-cultural da grande cidade vivido pelos migrantes quixadaenses, é significativo destacar o período que esses indivíduos lá se encontravam, ou seja, fim do século XX. Época essa em que as mudanças ocorridas no mundo foram intensas, tanto as revoluções tecnológicas, avanço na globalização da economia de mercado, quanto referente às mudanças sociais e culturais. Pessoas vivendo um tempo marcado pelo capital, no ritmo das transformações tecnológicas, na velocidade das informações via Internet.

Apesar das adversidades salientadas por nossos colaboradores, que viviam em um mundo bastante concorrido onde, supostamente, reinava o isolamento e o anonimato, as memórias dos entrevistados nos mostram que eles, os entrevistados, já tinham contatos estabelecidos antes de emigrarem para São Paulo: “Vou pra São Paulo, por quê? Porque tem meu irmão lá”, nos contou o Sr. Cláudio Laurentino.

Essa narrativa do Sr. Cláudio Laurentino, neste quesito, se assemelhou as falas dos demais entrevistados; ele ainda acrescenta: “já tendo influência de outros colegas meu que estavam lá [em São Paulo] radicados, eu digo: eu vou, eu tenho que ir”. A fortificação dos laços



de parentescos parece ter contribuído para a estada e identificação dos quixadaenses com São Paulo.

A História Oral enquanto metodologia nos tem revelado, através do estudo das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, entre outros fatores, como foram construídas as identificações culturais desses sujeitos. Tudo leva a crer que isso se deu, a priori, com a percepção do diferente seguido de revalorizações de particularidades. As identificações foram construídas, de fato, de forma contrastiva.

Mas, seria mesmo possível, através de nossa metodologia, detectar re-construções identitárias?

Construção de identificações

Ora, os migrantes quixadaenses ao recordarem momentos vividos em São Paulo, transparecem em suas narrativas um sentimento de identificação com a cidade paulista. Falam bem das possibilidades de lazer que ela oferecia, salientam sua beleza estética e, em muitos momentos das entrevistas, dizem que gostariam de voltar lá a passeio.

Depois de várias horas de relatos de memórias constatamos nas entrevistas elementos que revelam sentimentos de alteridade, mas também, sentimentos de identificação com São Paulo. Esses sentimentos perpassam as narrativas de todos os entrevistados, onde nos foram apresentados muitas vezes de forma bastante transparentes, mas, em outros casos, só nos chegaram sutilmente, apenas nas entrelinhas das entrevistas.

Sabemos da complexidade que é compreender as recordações desses migrantes através das entrevistas, pois, “recordar implica muitas vezes viajar para trás ao longo de um encadeado de memórias. Nos termos da experiência de recordar, não há nada que distinga a recordação de fatos verdadeiros da recordação de absurdos” (FENTRESS & WICKHAM, s.d, p. 19). Porém, estamos cientes da credibilidade diferenciada das fontes orais onde:

A importância do testemunho pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e



desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais (...) a diversidade da história oral consiste no fato de afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis (PORTELLI, 1997, p. 32)

Quando indagamos, por exemplo, D. Alderiza Silva sobre o porquê de ela achar o lazer em São Paulo diferente, vejamos o que nos conta:

Por exemplo: o povo aqui num sabe nem o que é natal. Na cidade grande você sabe o que é natal, o ano novo, dia de mãe e aqui no Ceará eu acho que é muito diferente esse ponto aí, eu acho. Passei foi muito natal em São Paulo, cidade grande se reunia toda família e amigo e aqui ninguém sabe o que é um natal

Não estamos buscando verdades ou mentiras factuais nesse fragmento de entrevista supracitada, não estamos utilizando a História Oral enquanto metodologia para dizer se o que os migrantes estão recordando é falso ou suas afirmativas estão incorretas. Por exemplo, quando a D. Alderiza Silva nos fala: “o povo aqui num sabe nem o que é natal”, estamos tentando compreender o que isso pode representar.

Constatamos nas palavras de D. Alderiza Silva elementos tanto do passado, onde as redes de parentescos e relações de vizinhanças foram fortificadas, em alguns momentos, pelos migrantes quixadaenses, quanto do presente que, aliás, possibilita nossa colaboradora comparar suas diferentes experiências. Assim, percebemos que D. Alderiza Silva faz emergir, através de sua memória, relações ocorridas outrora, que a faz afirmar: “cidade grande se reunia toda família e amigo”, e hoje, vivendo noutro contexto histórico, acaba recordando que: “aqui ninguém sabe o que é um natal”.

Dessa forma, no que diz respeito a idéia de trabalharmos com recordações ao entrevistarmos os migrantes quixadaenses, Thomson salienta algo de fundamental importância em nossas reflexões, pois segundo o autor: “as histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais” (THOMSON, 1997, p. 57).



Tendo essa perspectiva, ao analisarmos a entrevista da D. Valquíria de Holanda, vejamos como ela representa seus anseios, desejos e projetos de vida ao sair de sua terra natal:

Eu digo: ‘eu vou pra São Paulo, vou arrumar emprego, vou arrumar um português rico’, aí cheguei lá caí nas mãos de um cearense. Num tem jeito, mas acho que é coisa do destino. Cheguei lá eu procurei ... eu conheci uma tia dele [do seu esposo] e um primo, aí procurei eles lá e terminei encontrando com ele mesmo.

Em um tom descontraído, D. Valquíria de Holanda, além de nos contar que tinha como objetivo ao ir para São Paulo conseguir um emprego, fala de onde conheceu seu esposo e diz acreditar que isso, possivelmente, tenha sido “coisa do destino”. No momento em que D. Valquíria de Holanda relembra seu passado acaba trazendo a tona todo um espaço de sociabilidade composto por “primos” e “tias”, que possivelmente, constituíram de forma expressiva suas relações de vizinhanças em São Paulo. Aliás, ela deixa que percebamos em seu discurso que ao chegar lá ela procura, a princípio, uma família de cearenses, transparecendo assim, o quanto foi importante manter essas texturas sociais numa grande cidade.

Outra entrevistada que toca na possibilidade de casar-se ao ir para São Paulo foi a D. Alderiza Silva. Atentemos para o que ela nos diz:

É tanto que o meu pensamento de ir para São Paulo também tem esse porém, que eu dizia: meu Deus, eu tenho muita fé em Deus que eu indo pra São Paulo, lá vai ser mais fácil pra gente encontrar um príncipe encantado, porque todo mundo vai pra São Paulo e lá arranja uma pessoa e casa, porque eu não vou arrumar?

Não cabe a nós entender se D. Valquíria de Holanda queria mesmo era “arrumar um português rico” e acabou se casando com um cearense, e nem tão pouco saber se de fato D. Alderiza Silva queria ir para São Paulo “encontrar um príncipe encantado”, mas, tentar compreender os significados desses depoimentos referentes às suas experiências de vida em São Paulo. Um fator significativo para o estudo de nosso objeto foi à constatação de que essas duas migrantes se casaram com cearenses, o mesmo acontecido, no que diz respeito a uma vida



conjugal, com a D. Eliana Lima e o Sr. Antônio Teixeira. Esse conheceu sua esposa de Banabuiú - CE, em São Paulo.

Aliado ao que já constatamos nas entrevistas, entendemos as relações conjugais de D. Valquíria de Holanda, D. Alderiza Silva, D. Eliana Lima e o Sr. Antônio Teixeira, não como “coisa do destino”, como disse D. Valquíria de Holanda, mas como fruto de um momento histórico que esses migrantes vivenciaram e se identificaram num “outro lugar”.

No decorrer das falas dos migrantes quixadaenses notamos que suas identificações são reelaboradas em contraste com um pretense “outro” existente, mas, como entender quando esses depoentes nos falam que se identificaram com “os nordestinos” em São Paulo? Por que será que o Sr. Américo nos diz que: “o nordestino ele tem as origens dele”? Será mesmo que podemos concebê-los homogêneos?

Quando dialogávamos com o Sr. Américo Soares sobre sua estada em São Paulo ele fez emergir alguns elementos que aqui carece de uma reflexão. Atentemos para o que ele nos disse:

Rapaz, eu pensei que no princípio era uma coisa mais difícil... eu achei que lá [em São Paulo] era uma vida assim diferente, bem diferente. E quando comecei a trabalhar lá e conhecer outras amizades, outros amigos diferentes; alguns deles tinham as origens da gente, que não era cearense, mas tinha aqueles... que era baiano, pernambucano. O carioca, os paulistas mesmo, são umas pessoas que não tem...eles não confiam no nordestino. A gente sempre lá tem uma discriminação por parte deles.

As lembranças do Sr. Américo Soares trazem aspectos de relações conflituosas marcada pela desconfiança de alguns, mas também pode nos revelar um sentimento de identificação quando ele deixa transparecer que faz parte de um grupo, “os nordestinos”.

Já o Sr. Cláudio Laurentino, nos revela através da análise de sua entrevista, alguns elementos que nos leva a materializar o que o Sr. Américo Soares nos tinha falado sobre a discriminação que os migrantes quixadaenses, e os indivíduos nascidos na Região Nordeste, passaram na cidade de São Paulo. Notemos o que salienta o Sr. Cláudio Laurentino a esse respeito:



Um dos casos foi... jogar bola. Quando eu peguei uma bola, comecei a bater na bola lá, comecei a fazer umas embaixadinhas aí um veio encher o saco: pô, como é que tu aprendeu a jogar bola se no Ceará só tem côco. Foi um dos casos. Existiu outras, deixa eu ver: tipo relógio, aqueles de Paraguai, eles dizia assim: pô Ceará tu tá bom de comprar um relógio desse aí pra levar pra lá, aí eu disse: esse relógio não presta, ninguém não pode nem tomar banho estando com eles. É bom porque tu [Sr. Cláudio Laurentino], já toma banho e enche d'água para levar para lá que lá [no Ceará] não tem água. Então, essas perturbaçõezinhas que no final das contas eu relevo.

As discriminações contra os migrantes quixadaenses, e num sentido mais amplo, contra as pessoas nascidas na Região Nordeste, se propagaram, em muitos momentos através de piadas, mas de modo geral, elas foram manifestadas por meio de estereótipos. Como bem salienta Durval (2001: 20): “O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome das semelhanças superficiais do grupo”.

Nesse sentido, notamos que os migrantes quixadaenses foram dissolvidos nos discursos da estereotipia “a nordestinos” e, as suas terras natais passaram a ser representadas nesses discursos, como o Ceará que só tem côco, lugar onde não tem água, tudo é seco.

Nas entrevistas que realizamos, com os migrantes quixadaenses, existe uma predominância de relatos referentes ao convívio entre pessoas nascidas na Região Nordeste, seja nos locais de morada, no trabalho, ou lazer.

Aliás, cabe ressaltar que não estamos através das entrevistas querendo afirmar identidades culturais essencialistas e estagnadas em um tempo. Inclusive, segundo Hall:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que se prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. (2003, p. 174)

Visamos entender exatamente as especificidades das identificações marcadas por um tempo



histórico, e isso, referindo-se a um “lugar de transformações e apropriações”,¹¹ rico em historicidade, a cidade.

Considerações finais

É, de fato, nesse contexto que entendemos “os nordestinos” nas entrevistas dos migrantes quixadaenses, não como sujeitos percebidos como iguais, mas pessoas que além de terem passado por discriminações semelhantes às sofridas pelos quixadaenses, fizeram parte, possivelmente, do cotidiano desses indivíduos nos mais variados espaços de sociabilidade na cidade de São Paulo.

Enfim, é perceptível no discurso desses indivíduos, a predominância de uma fala que tende a contrastar diferentes momentos para poder se identificar, tende a falar em um pretense “outro” para atribuir a existência de um “eu”. Dito isso, tudo leva a crer que foram as experiências que tiveram outrora que contribuíram para que hoje esses migrantes quixadaenses tragam em suas memórias sentimentos de alteridade e também de identificação.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. 2ª edição, Cortez, São Paulo, 2001.

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, Contexto, 2001.

_____. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis, 1994.

_____. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Fco Alves Rio de

¹¹ Cf. CERTEAU, 1994, p. 174.



Janeiro. 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX: 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

JASMIN, Marcelo. Apresentação. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro, Contraponto/ Ed. PUC, 2006.

LOPES, Ana Lúcia. A prática pedagógica e a construção de identidades. In: **Educação Africanidades Brasil**. Universidade de Brasília – UNB – Centro de Educação a distância, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Cidade: experiências urbanas e a historiografia. In: **Cidades brasileiras**: políticas urbanas e dimensão cultural. Instituto de Estudos Brasileiros- Universidade de São Paulo, 1998. p.126

PORTELLI, Alessandro. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História** 15, Ética e História Oral; São Paulo, 1997

_____. O que faz a História Oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, 14, fev. 1997

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: **Proj. História**, São Paulo, 15, abr. 1997.